

Grand-tour: em volta do alfinete

Karina Dias*

Universidade de Brasília

Resumo

Grand-Tour foi um trabalho coletivo desenvolvido gradualmente por nove artistas a partir de uma residência na Alfinete Galeria durante os meses de julho, agosto e setembro de 2014. Através da experiência dos artistas no espaço onde se situa a galeria em Brasília, Grand-Tour é o resultado de um trabalho pensado coletivamente, em que as noções de curadoria e autoria das obras foram embaralhadas, gerando uma exposição-obra, uma geografia imaginada.

Palavras-Chave

Grand-Tour ; “viagem/viajante” ; “exposição-obra” ; paisagem.

Sommaire

Grand-tour est un travail collectif de neuf artistes qui a été développé progressivement lors d'une résidence à la Galerie Alfinete durant les mois de Juillet, Août et Septembre 2014. Au travers à l'expérience des artistes dans l'espace où la galerie se trouve à Brasília, Grand-Tour est le résultat d'un travail pensé collectivement, où la place de commissaire d'exposition et de l'artiste ont été entrecroisées, générant une exposition-oeuvre, une géographie imaginée.

Mots-clés

Grand-Tour ; "voyage / voyageur" ; "exposition-oeuvre" ; paysage.

* Artista plástica e professora ajunta II do Departamento de Artes Visuais da Universidade de Brasília, atuando na graduação e pós-graduação na linha de pesquisa Poéticas Contemporâneas. Possui Pós-Doutorado em Poéticas Contemporâneas (UnB), Doutorado em Artes pela Université Paris I – Panthéon Sorbonne. email: karinadias.net@gmail.com. É autora do livro Entre visão e invisão: Paisagem [por uma experiência da paisagem no cotidiano], editado pelo Programa de Pós-graduação em Arte da Universidade de Brasília. Coordena o grupo de pesquisa Vaga-mundo: poéticas nômades (CNPq).

Grand-tour, uma prática [da viagem e do viajante]

Grand-Tour era o nome dado a uma viagem educativa que floresceu nos anos de 1600 e se consolidou nos anos de 1800, cujo objetivo era a formação cultural de jovens aristocráticos, em princípio ingleses¹, que deveriam ir ao encontro de uma cultura dita clássica. O itinerário incluía a França (Paris) e a Itália (Roma, Veneza, Florença e Nápoles) e poderia se estender por meses ou até anos. Uma viagem em que se almejavam paisagens sublimes e pitorescas, exaltava-se o gosto pela arte e arquitetura e o culto da ruína. Para tal fim, era preciso enfrentar distâncias intermináveis, atravessar o Canal da Mancha, desafiar percursos acidentados, entre tantos outros obstáculos. Se a viagem, em meados dos séculos 18 e 19, ensina² é porque aproxima daqueles, que têm tempo e condições, espaços cuja história imprescindível e incontornável se faz ressentir. Uma viagem que faz emergir um viajante que viaja por prazer e deleite, que viaja para perceber paisagens imemorais e ao mesmo tempo conhecer um pouco de si mesmo: no mundo se aprende, há muito o que se ver. Podemos nos lembrar de Goethe e sua *Viagem à Itália* que, de Roma, em 7 de novembro de 1786, escreve:

Durante uma viagem recolhe-se de passagem tudo o que pode, cada dia traz o novo, que rapidamente é pensado e julgado. Mas aqui está-se numa escola tão grande, onde um só dia ensina tantas coisas, que não se pode ousar dizer qualquer coisa a respeito. Sim, mesmo ficando alguns anos por aqui, seria bom observar um silêncio pitagórico. (GOETHE: 2003: 153)

No desejo de encontrar o mundo, Goethe como tantos outros que realizaram o Grand-Tour, aliavam sua própria história, sua biografia pessoal, a uma história

¹ O que depois se expande para outras nacionalidades.

² "Viagem (Educação): os grandes homens da Antiguidade julgavam que não havia melhor escola de vida que a das viagens [...] Hoje em dia, nos Estados civilizados da Europa, as viagens são consideradas, pelas pessoas esclarecidas, um dos componentes mais importantes da juventude, e um componente da experiência entre os mais velhos. Utilidade das observações que um viajante pode fazer sobre os costumes, o caráter das outras nações, suas artes, suas ciências, seu comércio. Vantagens que as viagens à Itália proporcionam." In *Encyclopédie ou Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers*, Paris, 1780, t.II, p.880. (apud BESSE, 2006: 43).

universal: Quero ver Roma, a Roma eterna, não aquela que passa a cada década (GOETHE: 2003: 155). Na profusão de paisagens a serem vistas, Goethe desejava ver. Dessa aptidão da visão, característica fundamental do viajante, surge um olhar intencional que, mesmo sabendo que não dará conta de ver tudo, destacará da profusão dos lugares aquilo que comporá uma paisagem, a sua paisagem. Nesse sentido, o Grand-Tour, como toda viagem, é iniciação, pois alia os lugares à subjetividade daqueles que os percorrem, conjuga o singular, íntimo e individual ao abertamente coletivo. Nesse movimento, em que circulam sem cessar interioridade e exterioridade, visibilidade do mundo exterior e a invisibilidade de nossas percepções, uma geografia vivida se desenha. Se no centro de toda viagem está o viajante e o mundo que entorno dele gravita, então, nós mesmos, eis a grande questão da viagem (ONFRAY: 2009: 75).

Grand-tour [alfinete]

A partir do convite para realizar uma curadoria com artistas da cidade para uma exposição na Alfinete Galeria³, propus para um grupo de oito artistas⁴ que fizéssemos uma residência na Galeria, cujas dimensões reduzidas seduzem porque convocam pensar esse espaço e também o que dele se desenha. Decidimos então, realizar um Grand-tour em volta da/o Alfinete, esse espaço tão familiar para todos nós. Assim, munidos da noção de que a viagem expande a compreensão que temos dos lugares porque desperta o desejo por percepções inusitadas, o desejo de ver sempre um pouco mais que ontem, de compreender que no mundo se aprende porque estamos próximos de uma realidade que se faz sentir, nos juntamos para pensar como seria possível manter esse espírito viajante no cotidiano mais absoluto, aquele que entorpece porque se repete dia após dia, que anestesia porque não vemos mais os espaços que nos envolvem. Seria então, como colocar-se na pele de um viajante cujas paisagens não seriam àquelas de um país distante, mas adviriam da cidade habitada, do bairro explorado, da rua

³ A Alfinete Galeria abriu suas portas em 2013 e é dirigida por Dalton Camargos. Esse espaço se tornou, em pouco tempo, referência para os artistas e habitantes da cidade. Tem a peculiaridade de possuir dimensões reduzidas. Hoje conta com duas salas de exposição, mas em breve o espaço se expandirá. No momento de nossa residência, a Galeria contava com um espaço expositivo.

⁴ Dentre os artistas estão Nina Orthof, Júlia Milward, Iris Helena, Gabriel Menezes, Luciana Paiva, Ludmilla Alves e Tatiana Terra que fazem parte do Grupo de Pesquisa Vaga-mundo: Poéticas-nômades, coordenado pela autora, Profa. Dra. Karina Dias. Nessa residência/exposição da Alfinete atuei como artista também uma vez que, a partir do processo de residência as fronteiras entre ser curadora e artista se embaçaram.

percorrida. Seríamos como um viajante/*flâneur*⁵, aquele que passeia pelas ruas, munido de um olhar alerta e atento aos detalhes, cuja vocação estaria em olhar a sua cidade, concebendo assim, um mundo a partir do que vê. Uma cidade-mundo que estaria lá, disponível a esse viajante e que tomaria forma a partir do banal que se olha. Nesse sentido, seria possível reconfigurar o espaço de sempre, aticar o nosso desejo de ver, fazer do deslocamento no cotidiano, a ocasião para experimentar a sua paisagem, como se a descobríssemos pela primeira vez?

Esse viajante seria aquele que atravessaria o espaço ao seu bel prazer, descobrindo seu itinerário, cuja atenção se concentraria no caminho que se desbrava, que se explora com seu corpo e medida, com os passos “que se contam ao ritmo de seu fôlego, passos familiares sobre uma terra que se descobre por conta própria [...]”(KESSLER: 1999: 24).

Desejosos de novas perspectivas, nós, os artistas-viajantes deste cotidiano, teríamos a disponibilidade e vocação de nos deixarmos levar pelo próprio destino extra-ordinário? Na vontade de ancorar o corpo no percurso, de entrelaçá-lo ao itinerário escolhido, fomos motivados por um desejo intenso de estar naquele lugar que, a partir do momento em que aceitamos o convite para tal empreitada, seria a nossa paragem. A Alfinete Galeria se tornou, desde então, o nosso porto: de lá saíamos para ver e para lá retornávamos, pois era preciso conquistar também a invisibilidade do ponto de vista (MALDONATO: 2004: 35). Certamente, essa experiência celebra um algures distinto dos viajantes do clássico Grand-Tour porque se origina de uma proximidade extrema a um lugar para, daí, criar as suas distâncias, (re)inventar medidas, redesenhar a sua extensão.

A intensidade dessa viagem pôde ser medida pelo grau de enraizamento a esse lugar, isto é, estar ancorado na terra que se atravessa é deixar-se levar pelo que o percurso apresenta. As relações de distâncias e estranhamentos vividas, por qualquer viajante em qualquer lugar, foram experimentadas a partir de coordenadas

⁵ Para Baudelaire, o *flâneur* é aquele que anda pela cidade, vendo tudo ao mesmo tempo, solitário e em meio à multidão, com desenvoltura e precisão. Aquele que passeia, desenvolve um olhar atento e alerta como o de um detetive, ao mesmo tempo em que reconhece a efemeridade das circunstâncias. Figura central para compreender a Modernidade evocada por Baudelaire que será retomada posteriormente por Walter Benjamin.

bem precisas, àquelas que se desenharam a partir dessa pequena galeria situada na extremidade da Asa Norte em Brasília. Nosso Grand-Tour estava traçado, durante três meses escrutamos cada detalhe daquele perímetro, observamos o movimento das pessoas, dos carros, anotamos o que vimos e ouvimos, fotografamos, filmamos, frequentamos padarias, cafés, lanchonetes, nos embrenhamos em uma trilha urbana sem fim.

A composição de uma geografia poética [da paisagem, da viagem]

Durante três meses nos encontramos no mesmo lugar para (re)pensarmos as distâncias percorridas, as inúmeras voltas dadas entorno do mesmo espaço. Cada encontro se transformou em distintas formas de se narrar uma viagem que nos colocava diante de um estranho paradoxo: o extremamente próximo é um vasto mundo. A proximidade pode se transformar no longínquo que chama, no horizonte que incita o movimento, que aponta que todo lugar possui espessuras variáveis.

Se, como nos lembra Gilles Tiberghien (1998: 196), toda viagem é antes uma narrativa; que nem mesmo faz sentido senão através da narrativa que ela é, nosso Grand-Tour nos levou a conceber coletivamente rotas que nos trouxeram de volta aos espaços conhecidos porque escrutamos o que nossos olhos não viam, entrevemos ali, onde aparentemente já não havia mais nada a se ver, uma imensidão. Imensidão, essa, desenhada coletivamente, sem autoria específica porque concebida em grupo.

Criar coletivamente um pensamento-paisagem (COLLOT: 2011) solicita muitos pontos cardeais, uma rosa dos ventos que dê conta, a um só tempo, de muitos vocábulos, de muitos lugares e de nenhum lugar. Nesse movimento, toda imagem fabrica distâncias, sinaliza os confins de um mundo que só conhecemos de passagem. Emerge dessa relação uma paisagem no/do cotidiano que se forja na junção de certa maneira de olhar e dos caminhos percorridos. Uma paisagem que é mais do que um simples ponto de vista óptico. Ela é ponto de vista e ponto de contato, pois, nos aproxima distintamente do espaço, porque cria um elo singular,

nos entrelaçando aos lugares que nos interpelam. Nessa experiência sensível do espaço, criamos lugares, ganhamos terreno (HOCQUARD: 1997: 11).

Praticar o espaço-caseiro à maneira de um viajante seria como abrir passagens lá onde não esperamos, fixando a nossa atenção para além dos contornos, tantas vezes, experimentados, rompendo sempre as fronteiras do certo, do preciso, do dominado e do seguro. Seria como entrever na evidência, a possibilidade de (re)estruturar o (in)comum. Desejar o estranho no familiar para (des)conhecê-lo... engajar-se como um des-locado, um extra-ordinário... um nômade que ainda guarda o sentido da viagem – o desejo do movimento que nos conduz a descobrir sempre novos pontos de vista, novos percursos para obter perspectivas singulares de nosso entorno.

Novamente a relação se dá entre a distância e a proximidade. Oposições aparentemente intransponíveis, porém, se praticadas, colocam em evidência maneiras de ver e de estar no mundo. Ver o (in)comum é habitar o (in)comum, é um *como-ver-se*, uma maneira de ver que comove. Essas transformações (re)configuram um espaço que acreditamos nos pertencer mas que, de um instante a outro, pode tornar-se estranho, (ir)reconhecível, o outro de todos os mundos, um fora eterno. (BLANCHOT: 2011: 81). Ultrapassa-se assim a noção de um simples deslocamento espacial, de um percurso por entre a disposição concreta de certos elementos em um espaço, para uma experiência sensível desse espaço. Finalmente, não seria essa a experiência da paisagem, ser uma experiência sensível do espaço? Ter uma perspectiva singular, perceber uma estranheza efêmera que nos conduziria allhures estando no mesmo lugar? Como, então, dar forma a esse alhures peculiar, a essa viagem extra-ordinária?

Em vez de designar o sentido da viagem apenas como uma mudança de localização e de espaço, ela é aqui pensada como uma *situ-ação* que engaja outro tempo, esse não tributário da rotina. Uma abertura na qual se alojaria a nossa experiência sensível do espaço e comporia uma *situação-em-paisagem*.

A experiência dessa paisagem seria então um (re)ordenamento espacial que despertaria nossos sentidos, a abertura onde se instalaria o tempo da contemplação, o tempo de um certo ponto de vista. Uma espécie de esparecimento temporal que nos (re)situaria distintamente em nosso espaço. Essa “mudança de ares” adviria da tomada de distância necessária para que o espaço da rotina se torne um *espaço-em-paisagem*. Dar espaço ao espaço, dar tempo para que o espaço apareça e revele outros elos, novas alianças que nos trariam de volta a este lugar porque deles nos afastamos.

Nessa geopoética⁶, o espaço acolhe um pensamento viandante, atento aos detalhes que compõem o espaço percorrido, às fenomenologias que tomam o partido das coisas⁷ que nos incitam a tecer novas coordenadas, inusitadas correlações, audaciosas geografias. Geografias que emergem da lentidão em viver o espaço escolhido por aqueles que não se deixam atropelar pelo tempo apressado que nos afasta dos lugares. Encontrar na rotina outro ritmo do/no mundo, uma cadência que nos embala em seu movimento, porque intensifica a nossa capacidade acolher os pormenores que compõem os espaços que nos circundam.

A um só tempo, habitar esse singular longínquo, ter a capacidade de se sentir em casa algures e, quando em casa, e de sentir alhures. Essa postura do viajante engaja nossa atenção nos itinerários, enraizando-nos a eles. Ter um olhar-viajante é então encontrar a intimidade na distância e a distância na intimidade, tomar posse dos contornos sem, portanto, se deixar domesticar por eles, constatar que a extensão que nos circunda pode ser fabulosa.

A viagem aqui é aquela, como nos lembra Gilles Tiberghien (1998: 96), que permite pensar por parênteses, nos interstícios do discurso, entre dois lugares, entre dois tempos, entre si mesmo e o outro, sem que se possa fazer a separação entre aquilo que se deixa e aquilo que se carrega.

⁶ Ver, entre outros, Michel Déguay para quem a geopoética é a reunião da beleza da terra. DEGUY, Michel. *Reabertura após obras*. . Campinas: Ed. UNICAMP, 2007.

⁷ Em referência a Francis Ponge.

Para conceber, então, o que chamamos de uma exposição-obra, a partir de um Grand-Tour realizado em volta de uma galeria-alfinete, o compartilhamento de ideias foi fundamental, como também foi, a vivência do sentido de hospitalidade. De uma hospitalidade que só pode ser um ato poético (DERRIDA: 2003) porque estar-junto, é estar-em-poeta, vislumbrando o poético que anima os espaços e as relações. Nesta partilha sensível, acolher o outro que sempre esteve é transformá-lo no companheiro de viagem, no amigo que dividirá uma existência (AGAMBEN: 2010). Rendendo-se à sua diferença, abrindo espaço para uma cartografia compartilhada, para um mapa do diverso cujas linhas se fazem entre semelhanças e alteridades, diferenças inevitáveis e aproximações imprescindíveis.

Como então organizar, dar forma, ao que foi vivido? Trazer para a galeria o espaço que a avizinha? Com quantos relatos se (re)faz uma viagem? De que forma produzir lembranças, inventar vestígios? Que suportes seriam capazes de armazenar o horizonte, de condensar o mundo cotidiano, de sustentar a sua arquitetura, de preservar o seu movimento? Não se separar do mundo [...] não se perder, e não perder o que de si mesmo, dorme no mundo (CAMUS: 2014: 30).

Como grupo dividimos funções, decidimos, apagamos, cedemos, insistimos em nossas ideias, recriamos, inventamos coordenadas, criamos relevos, laboriosas altitudes, (im)possíveis latitudes, intensas longitudes, vivemos o tempo do processo, do laborioso processo poético que vai ditando o que é sobra e o que inevitavelmente não pode faltar... e que se sustente, uma coisinha de nada, mas com estilo(PONGE: 1997: 27). Nesse exercício intenso de escuta, criamos uma exposição-obra onde não havia trabalhos individuais, mas um trabalho coletivo, uma geografia poética, sem assinatura e com todas as assinaturas, sem um curador único, mas com um grupo de artistas-curadores que aceitaram o convite para esse inusitado Grand-Tour.

Para Michel Onfray (2009: 53) de uma viagem só deveriam restar três ou quatro sinais, cinco ou seis, não mais que isso. Na verdade, não mais que os pontos cardeais necessários à orientação. Uma quintessência da viagem que convoca

porque invoca um alhures vivido. No nosso caso: um livro, um marco zero, um horizonte, uma página-paisagem e uma foto avulsa. Nada mais.

A exposição [dos pontos cardeais]:

Um livro:

Toda viagem solicita uma versão, uma forma de condensar o que foi vivido, de tornar a viagem eterna. Na tradição dos relatos de viagem, dos diários de bordo, criamos um livro a partir do Grand-Tour realizado, um livro-de-artista que aliou o que de fato se viveu e o que se desenhou a partir do vivido: imaginamos lugares, abandonamos outros, compartilhamos percursos, nos sentimos cartógrafos de uma proximidade (des)conhecida. Um livro que transformou nove viagens em um Grand-Tour, que conteve todos os mapas traçados e que, finalmente, acabou revelando uma geografia particular-nem aqui nem alhures-, uma história própria – nem enraizada nem atópica – e um espaço novo – nem fixo nem inapreensível (ONFRAY: 2009: 39).

Na Galeria, o livro, em exemplar único, foi exposto para que os visitantes pudessem folheá-lo, numa leitura que pôde ser feita individualmente ou em pequenos grupos que se formaram em volta da publicação. Houve fila, houve espera, houve desistência, houve demora, tiveram aqueles que se demoraram folheando página por página e os que se incomodavam em ler com uma fila atrás de si ou ainda aqueles que deixavam o livro aberto na última página lida para que o próximo embarcasse em sua leitura. Pensamento embarcado, pensamento à deriva...



Fig.1. Autoria coletiva, página do livro Grand-Tour exposto na Galeria Alfinete em Brasília, 2014., detalhe.⁸



Fig.2. Autoria coletiva Livro Grand-Tour exposto na Galeria Alfinete em Brasília, 2014.

⁸ As fotografias contidas neste artigo foram realizadas por Iris Helena, Gabriel Menezes e Julia Milward.



Fig.3. Autoria coletiva, página do livro Grand-Tour exposto na Galeria Alfinete em Brasília, 2014, detalhe.

Um marco-zero:

Normalmente, o marco zero é o nome que se dá ao local onde se funda uma cidade, onde se (re)inicia algo. Para nós, a Galeria foi o nosso marco zero, pois dali saíamos para realizar, durante três meses, o nosso Grand-Tour. E para lá voltávamos, como todo viajante retorna ao porto deixado, ele que é o eixo em torno do qual oscila a bússola (ONFRAY: 2009: 89).



Fig.4. Autoria coletiva, placa marco-zero do Grand-Tour exposta na Galeria Alfinete em Brasília, 2014.

Um horizonte:

De escombros de gesso da última reforma da Galeria, construímos um horizonte. Um horizonte-paisagem, branco, feito de fragmentos que mais pareciam pequenas ilhas, pequenos icebergs solitários. Como um traço de união que, a um só tempo, alia o observador e o espaço a sua volta e sinaliza o limite do olhar, do seu alcance, para revelar o que daí se desenha. Ao mesmo tempo em que atesta que para além deste contorno, o mundo continua, que esse desenho não se esgota em seu ponto de vista. Para além do horizonte visto está o (in)visível que nos acompanha, a imensidão que se faz sentir. Assim, ter um horizonte na Galeria é estar atento à extensão que nos circunda e àquilo que excede à nossa visão. O horizonte, como nos lembra Michel Collot, é o ponto de passagem possível entre a paisagem visível e a paisagem imaginada (COLLOT: 1988: 17).



Fig.5. Autoria coletiva, *Horizonte, Grand-tour* exposto na Galeria Alfinete em Brasília, 2014.



Fig.6..Autoria coletiva, *Horizonte, Grand-tour* exposto na Galeria Alfinete em Brasília, 2014, detalhe.

Uma foto avulsa:

Uma imagem que revela uma vista aérea do local onde se situa a galeria com demarcações no espaço que a circunda. Nada indica que a Galeria se situe ali, apenas sugere-se que se trate daquele lugar. O espaço percorrido vira alvo, apontando que o olho que contempla também vigia. Aéreo-tour...



Fig.7. Autoria coletiva, vista aérea do Grand-Tour exposta na Galeria Alfinete em Brasília, 2014.

Uma página-paisagem:⁹

Endereço a vista. Uma coordenada específica em um ponto qualquer. Rotas circulares de pequeníssimas navegações. Derivas silenciosas, fontes luminosas ínfimas, ponteiro das estrelas. Circuitos rápidos garantidos. Procura-se posicionamento local, linha reta-abismo. Recompensa-se bem.

Há dragões aqui.

⁹ Texto coletivamente escrito e situado na fachada da Galeria. Composto de anotações feitas ao longo do no nosso Grand-Tour. Pensado como uma página-paisagem destacada do livro.

Demarcação mínima se o espaço for infinito, quase branco sobre branco. Bosque descendente da guerra, invasões determinadas, exígua faixa de terra.

O mundo leva você [panx o laelo].

Não há tal lugar.

Daqui partem distâncias [anotações finais]

O que era um convite para a realização de uma curadoria em que a autora selecionaria os artistas e suas obras, se transformou em um convite à viagem para que juntos, nove artistas, pensassem coletiva e poeticamente o espaço que envolvia a Alfinete Galeria em Brasília. Desenhava-se ali o nosso horizonte. Se o horizonte é uma incitação à viagem (CAUQUELIN: 2011) é porque ele também é uma quimera. Assim, munidos do desejo de entrever nesse espaço aquilo que escapa do seu contorno diário, fomos direcionando o nosso olhar para o que dali se desdobrava. Quanto mais ancorados estávamos nesse espaço mais longínquo ele ficava, mais distantes permanecíamos de seu esquadramento ordinário.

Pensar coletivamente demanda escuta, saber que não se está só porque a todo tempo somos muitos a querer dizer o mundo vivido. Mas antes de dizer é preciso ver e aqui a visão se fez interrogação individual e coletiva porque era preciso encontrar uma destinação que aliasse esse pensamento-viandante, seu movimento, e a poética que dele emanava. Todo pensamento-viajante solicita compor uma paisagem, um pensamento-paisagem (COLLOT,2011), uma poética dos lugares, uma poética da viagem.

À evidência, explorar, no cotidiano, aquilo que se apresenta diretamente aos nossos olhos é entrever *aí*, a possibilidade de se estar *ali*. É se dar conta que temos o horizonte no olhar, a partir do momento em que concedemos ao espaço de sempre, outra cartografia.

É se impregnar, como sugerido, do espírito do viajante: habitar-viajando; deslocar-se pela cidade –surpreendendo-se; movimentar-se – ocupando o trajeto com o corpo e

os seus sentidos, mantendo os olhos bem abertos para ver o exterior e *inver*¹⁰, ver com os olhos voltados para uma imensidão, que como sabemos é íntima.

Podemos imaginar que com esta relação, (re)visitaríamos a cidade de todos os dias, fazendo aparecer as cidades invisíveis¹¹. Lugares inesperados que parecem estar sempre à espera que seus caminhos sejam percorridos, que suas bifurcações sejam traçadas, que seus desvios encontrados. Essa cidade, *invue*¹², *n[ã]o-vista*, que escapa aos olhos adormecidos, origina-se de um olhar enviesado, de uma forma (in)comum de ver.

Para (re)encontrar esta cidade-mundo não basta inventariar o visível, vale mais nos interrogarmos: até onde vai o visível? Isto não significa fazer uso de uma visão misteriosa, transcendente ou enigmática, mas refletir sobre a maneira pela qual nos aproximamos das situações cotidianas, absolutamente familiares, aquelas em que há sempre algo que foge ao nosso olhar. Talvez, seja esse o paradoxo dos espaços familiares: serem íntimos e estranhos; próximos e distantes; capazes de, com o simples e o banal, causar espanto; serem ordinários e extra-ordinários, transformando-se, assim, em paisagens “que são também a minha morada” (JACCOTTET:1976: 9) .

Essa cidade-mundo explorada na experiência do Grand-Tour, e na exposição –obra criada, se revela a partir dos laços que criamos com os lugares onde vivemos. Toda viagem pressupõe experimentação, uma aptidão da visão para trazer à tona as paisagens vividas. Aqui, a paisagem percebida se desdobra em uma paisagem imaginada.

Se o cotidiano é maravilhoso o bastante, como entoa o movimento Fluxus, podemos compreender, como escreve Michel Collot (1988), que a “fábula do mundo” inventada por cada artista não constitui um mundo à parte ou à pura ficção de um outro mundo. É, como aponta o autor, uma resposta à provocação do nosso

¹⁰ Ver DIAS, Karina. Entre visão e invisão: paisagem [por uma experiência da paisagem no cotidiano]. Brasília: Editora do Programa de Pós-Graduação em Arte – Universidade de Brasília, 2010.

¹¹ Em referência a obra de Italo Calvino intitulada Cidades Invisíveis. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

¹² Para uma melhor compreensão desta noção, ver DIAS, Karina. *Entre visão e invisão: paisagem (por uma experiência da paisagem no cotidiano)*. Brasília: Editora do Programa de Pós-Graduação em Arte, Universidade de Brasília, 2010.

mundo que é fabuloso e suscetível de múltiplas interpretações, pois, em sua estrutura de horizonte, sempre há a possibilidade, ou melhor, o desejo de utopia (eu acrescentaria) que nos motiva a extrapolar as coisas e o próprio visível.

... estamos onde não estamos...

Referências

- AGAMBEN, Giorgio. O que é o contemporâneo e outros ensaios. Chapecó : Argos, 2010.
- BESSE, Jean-Marc. *Ver a terra. Seis ensaios sobre paisagem e geografia*. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- BLANCHOT, Maurice. *A parte do fogo*. Rio de Janeiro, 2011^a.
- CAMUS, Albert. *Esperança do mundo – Cadernos (1935-37)*. São Paulo: Hedra, 2014, p.30.
- COLLOT, Michel. *L'horizon fabuleux, I, XIX siècle*. Paris : Librairie José Corti, 1988, p.17.
- _____. *La pensée-paysage*. Actes Sud/ENSP, 2011.
- DEGUY, Michel. *Reabertura após obras*. . Campinas: Ed. UNICAMP, 2007.
- DERRIDA, Jacques. *Da hospitalidade*. São Paulo: Escuta, 2003.
- DIAS, Karina. *Entre visão e invisão: paisagem (por uma experiência da paisagem no cotidiano)*. Brasília: Programa de Pós-graduação em Arte, Universidade de Brasília, 2010.
- GOETHE, Johann Wolfgang Von. *Voyage em Italie*. Paris : Bartillat, 2003, p.153 e 155.
- HOCQUARD, Emmanuel. *Taches Blanches in Le Gam*, 1997, p.11.
- JACCOTTET, Philippe, *Paysages avec figures absentes*, Paris/ Gallimard, 197, p.96.
- KESSLER, Mathieu, *Le paysage et son ombre*, Paris, PUF, 1999, p.24.
- MALDONATO, Mauro. *Raízes errantes*. São Paulo: Ed. 34, 2004, p.35.
- ONFRAY, Michel. *Teoria da viagem – poética da geografia*. Porto Alegre: L&PM editores, 2009, p.39, 53, 75, 89.
- PONGE, Francis. *My creative Method in Métodos*. Rio de Janeiro: Imago, 1997, p.27.
- TIBERGHEN, Gilles. (...) in *Revista USP*, n. 77 195-1999, março/maio 2008.

Artigo recebido em outubro de 2015. Aprovado em dezembro de 2015